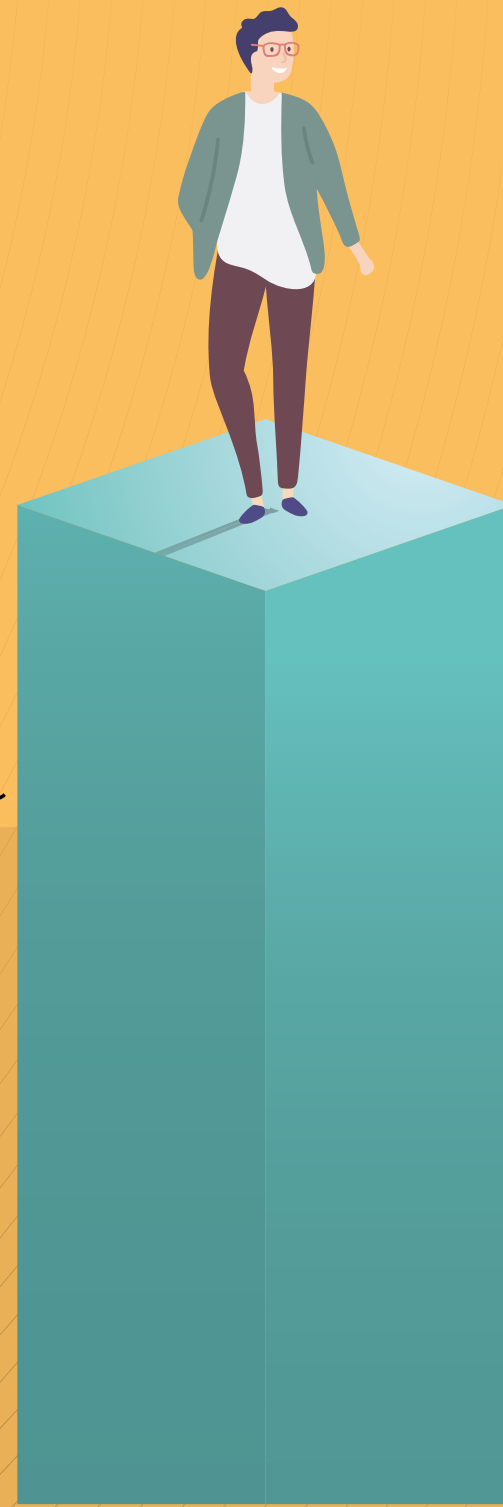


CAPÍTULO 4

IMPACTO DAS DESIGUALDADES NA ESCOLA



NESTE CAPÍTULO VOCÊ VAI LER SOBRE:

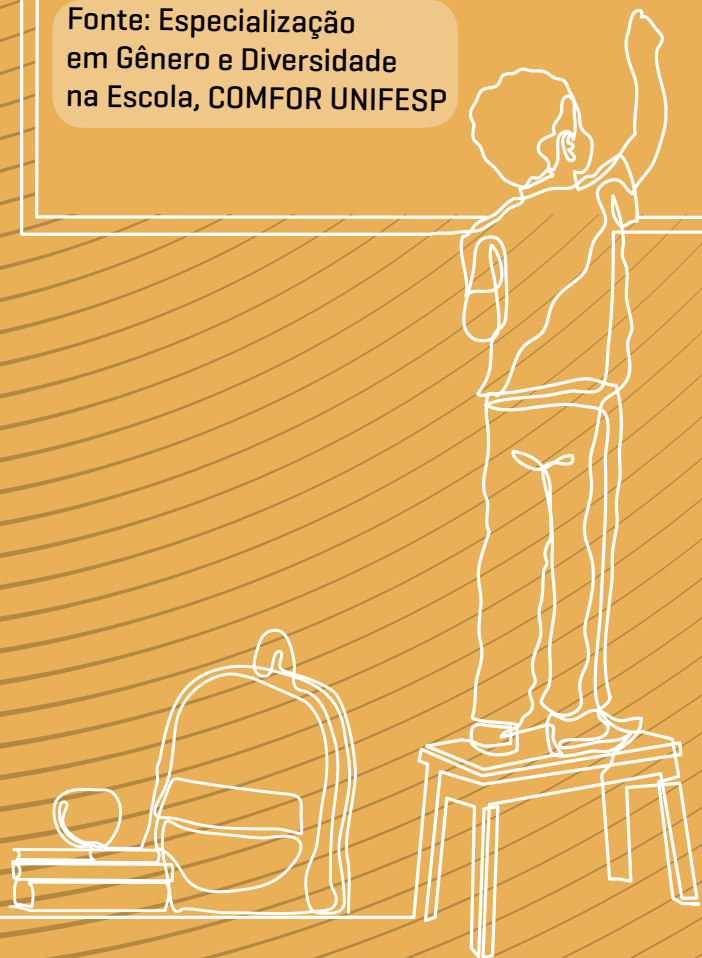
- Desigualdades no ambiente escolar
- Atitudes discriminatórias, preconceitos e desigualdades na escola
- Racismo na escola
- As desigualdades de gênero na escola
- A escola e as violências contra a mulher
- Como ajudar uma mulher que sofreu violência de gênero
- Identidade de gênero e orientação sexual na escola
- A relação entre o ensino noturno e as desigualdades



DESIGUALDADE NO AMBIENTE ESCOLAR

“O SILÊNCIO EM RELAÇÃO A FORMAS DE DISCRIMINAÇÃO E EXCLUSÃO É UM PROBLEMA QUE DEVE SER ENFRENTADO NO CAMINHO DA CONSTRUÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO CIDADÃ QUE RESPEITE E VALORIZE A DIVERSIDADE.”

Fonte: Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, COMFOR UNIFESP



O ambiente escolar muitas vezes reproduz em seu dia a dia desigualdades sociais. Isso acontece quando gestores e educadores não reconhecem as singularidades dos estudantes.

Assim como outras instituições sociais, a escola é uma das responsáveis pela manutenção dos mecanismos de poder que reproduzem desigualdades, preconceitos e exclusão social. É o que afirma a pesquisadora Meiryelle Paixão Menezes, da Universidade Federal de Sergipe (UFS).

A escola é um lugar de encontros, conflitos e vínculos. por isso, pode ser tanto um ambiente de reprodução de preconceitos como um espaço privilegiado para reconhecer, respeitar e valorizar as diferenças.

QUANDO A ESCOLA NÃO RECONHECE AS DIVERSIDADES E DESIGUALDADES, A DISCRIMINAÇÃO GANHA ESPAÇO

“QUESTÕES DE GÊNERO, RELIGIÃO, RAÇA/ETNIA OU ORIENTAÇÃO SEXUAL E SUA COMBINAÇÃO DIRECIONAM PRÁTICAS PRECONCEITUOSAS E DISCRIMINATÓRIAS DA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA. SE O ESTEREÓTIPO E O PRECONCEITO ESTÃO NO CAMPO DAS IDEIAS, A DISCRIMINAÇÃO ESTÁ NO CAMPO DA AÇÃO, OU SEJA, É UMA ATITUDE. É A ATITUDE DE DISCRIMINAR, DE NEGAR OPORTUNIDADES, DE NEGAR ACESSO, DE NEGAR HUMANIDADE. NESSA PERSPECTIVA, A OMISSÃO E A INVISIBILIDADE TAMBÉM SÃO CONSIDERADAS ATITUDES, TAMBÉM SE CONSTITUEM EM DISCRIMINAÇÃO.”

Fonte: Gênero e Diversidade na Escola: Formação de Professoras/es em Gênero, Sexualidade, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais, e-Clam



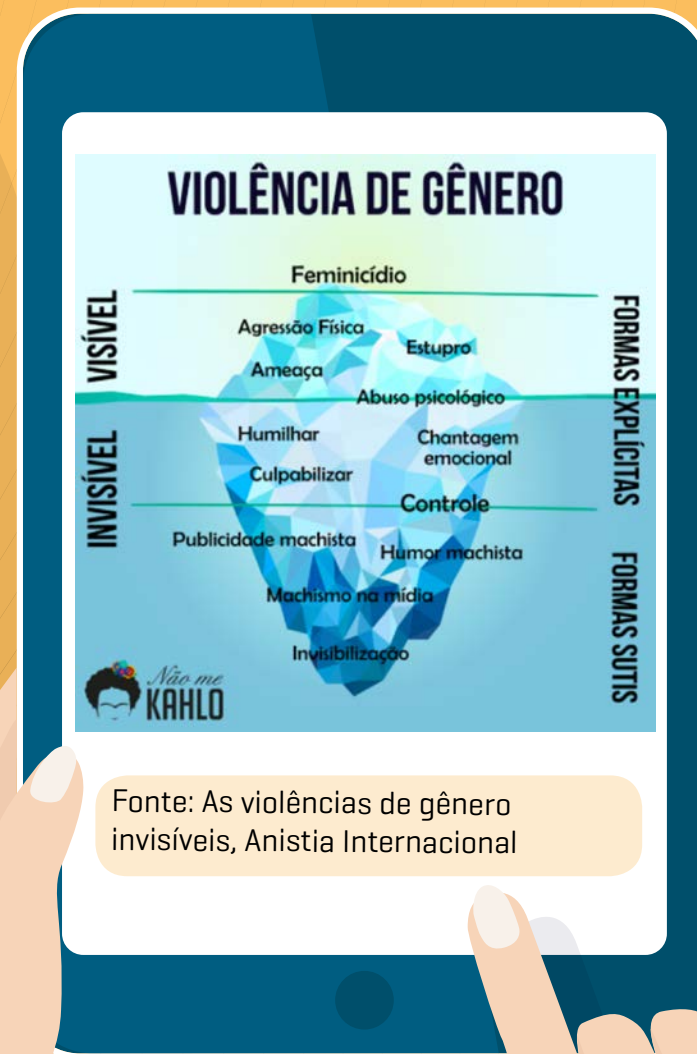
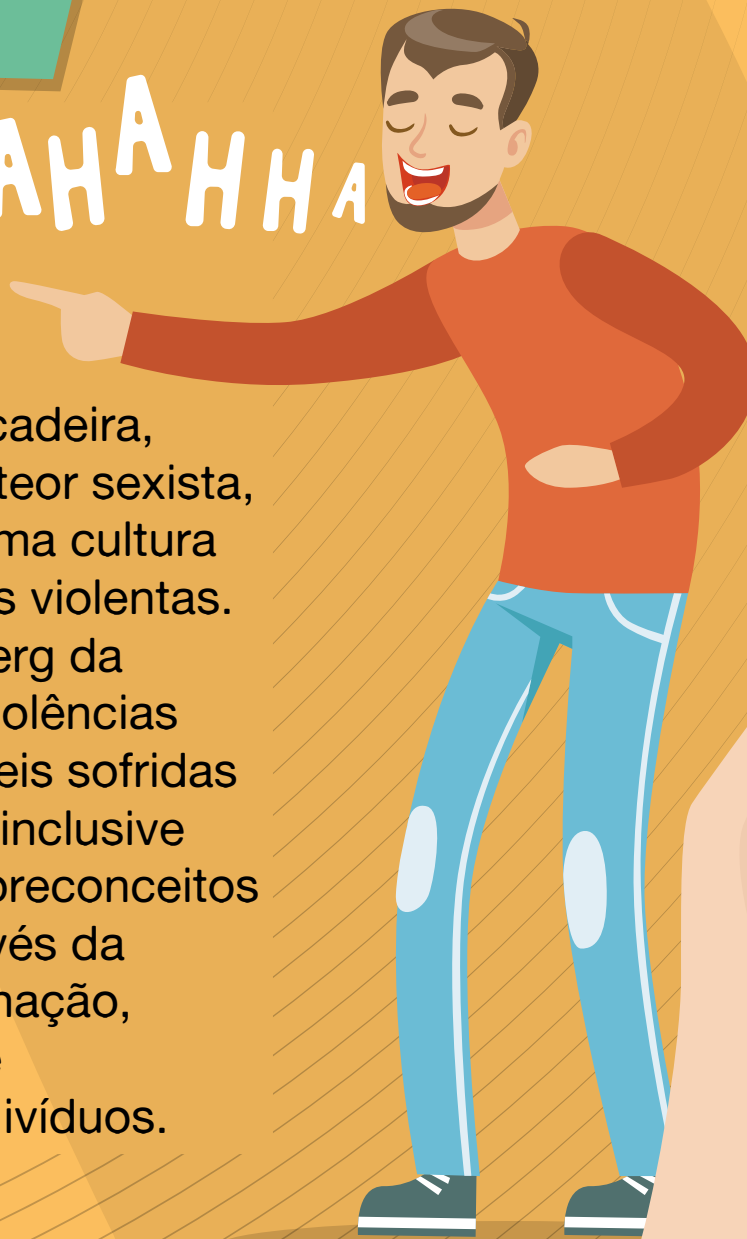
O QUE DÁ ORIGEM A ATITUDES DISCRIMINATÓRIAS?

“É só uma piada!”

Essa é uma resposta comum quando alguém questiona uma fala carregada de estereótipos e preconceitos.

Pode parecer só uma brincadeira, mas ditados e frases com teor sexista, por exemplo, fortalecem uma cultura de discriminação e atitudes violentas. Isso é explicado pelo Iceberg da Violência, que apresenta violências de gênero invisíveis e visíveis sofridas diariamente por mulheres, inclusive na escola. Estereótipos e preconceitos geram discriminação, através da negação de acesso, humilhação, omissão e invisibilidade de determinados grupos e indivíduos.

AHA HHA



O BULLYING TAMBÉM É UMA FORMA DE DISCRIMINAÇÃO



Agressões intencionais, verbais ou físicas, feitas de maneira repetida por um ou mais alunos contra um ou mais colegas são chamadas de bullying. Em inglês, bully significa valentão, brigão. Ameaça, tirania, opressão, intimidação, humilhação e maltrato são palavras em português que também definem o bullying.

Em entrevista à Nova Escola, a educadora Cléo Fante, autora do livro Fenômeno Bullying: Como Prevenir a Violência nas Escolas e Educar para a Paz (Ed. Verus), explica que o bullying acontece em diversos contextos sociais, como escolas, universidades, famílias, vizinhança e locais de trabalho.

Sabe aquele apelido que um estudante dá para outro? Parece inofensivo, mas pode afetar emocional e fisicamente o jovem que é alvo da ofensa. Jovens que sofrem humilhações atitudes difamatórias podem se isolar e ter queda no rendimento escolar, além de desenvolver doenças psicossomáticas e traumas.

Fonte: 21 perguntas e respostas sobre o bullying, Revista Nova Escola

RACISMO É CRIME

Racismo é crime inafiançável

A Lei 7.716/1989 caracteriza racismo como um crime contra a coletividade e não contra uma pessoa ou grupo. Envolve desde xingamentos aos negros em geral até negar acesso a locais públicos e privados, como o elevador social de um prédio. Além de inafiançável, o racismo é um crime que não perde a validade. A pena é multa e prisão por um a três anos.

Existe também o crime de injúria racial, quando alguém ofende uma ou mais pessoas por meio de “elementos referentes à raça, cor, etnia, religião e origem”. Está previsto no artigo 140 do Código Penal, terceiro parágrafo. Além de multa, existe pena de reclusão de um a três anos.

Fonte: O que diz a lei brasileira sobre racismo e injúria racial, Nexô Jornal



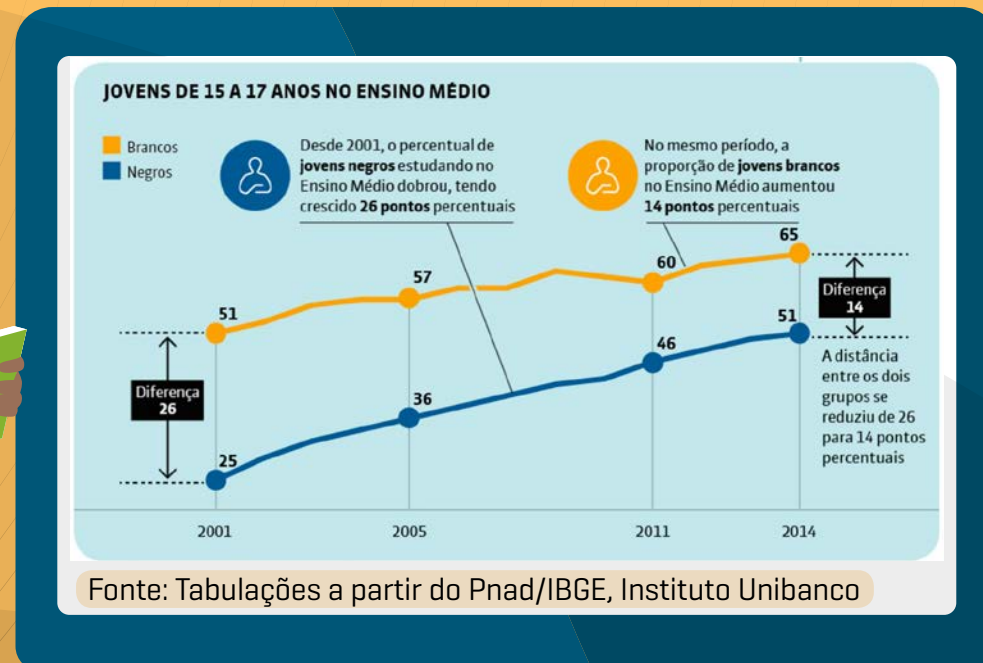
RACISMO E ACESSO À EDUCAÇÃO

Em 2015, **30%** da população negra (pretos ou pardos) não completava o Ensino Fundamental antes dos 16 anos

56,8% da população preta e **57,8%** parda entre 15 e 17 anos continuava no Ensino Médio.

Os dados são de um levantamento do Todos pela Educação realizou com base na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad/IBGE)

Fonte: Agência IBGE [2018]



“EU NÃO SEI QUANDO O RACISMO COMEÇOU, EU SÓ SEI QUE ELE ACABA QUANDO O RESPEITO COMEÇA”

– Estudante do Ensino Fundamental

“EU FUI PRIVADA DE RECONHECER A MINHA NEGRITUDE DE MANEIRA POSITIVA, OU ERA HIPERSSEXUALIZADA OU EMBRANQUECIDA”

– Estudante do Ensino Médio

COMO O RACISMO SE EXPRESSA NA ESCOLA

Muitos casos de violência, desrespeito e discriminação nas escolas têm aparecido na internet e nos veículos de comunicação. Eles mostram a necessidade e a urgência de analisar essas situações para entender suas causas e criar soluções.



“TODO DIA, TODO SANTO DIA, TODO DIA MESMO, ELES MEXEM COM MEU CABELO, MEXEM COMIGO, E QUANDO EU VOU FALAR PRA PROFESSORA, [ELA] NÃO DÁ ATENÇÃO, NÃO FALA NADA, FINGE QUE NÃO OUVIU (...) TODO DIA, NA ESCOLA, NA RUA, DENTRO DA MINHA SALA DE AULA, DEBOCHAM DO MEU CABELO, NÃO SEI POR QUÊ (...) O PROBLEMA É MEU, O CABELO É MEU. ÀS VEZES ME BATEM, ME AGRIDEM, QUERIA QUE PARASSEM COM ISSO, ENTENDEU? NÃO TÔ AGUENTANDO, NÃO DÁ, NÃO DÁ... TODO DIA, MUITAS VEZES SÃO ‘UM MONTE’ ME ‘ZOANDO’, ‘5 MARMANJÃO’ DO TAMANHO DA MINHA MÃE”.

- Kauan Alvarenga, estudante negro de 11 anos que fez um vídeo-desabafo sobre as perseguições racistas que sofre diariamente na escola

PRECISAMOS FALAR SOBRE RACISMO

Um quarto das escolas públicas não abordam o racismo no currículo.

Fonte: Censo Escolar 2015

“DEBATER O TEMA NA ESCOLA NÃO É TAREFA SIMPLES PARA OS EDUCADORES. ENTRE AS ESTRATÉGIAS UTILIZADAS PARA ESTIMULAR ATITUDES MAIS INCLUSIVAS E O RESPEITO ÀS DIFERENÇAS, DESTACAM-SE DEBATES, BRINCADEIRAS, CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COM BONECOS, O RECONHECIMENTO DE SITUAÇÕES DISCRIMINATÓRIAS, BEM COMO A INCORPORAÇÃO DE NARRATIVAS QUE TRAGAM OS NEGROS COMO PROTAGONISTAS.”

“SOU UMA JOVEM NEGRA E NÃO ME VEJO REFLETIDA NOS LIVROS DIDÁTICOS. AS FIGURAS FEMININAS, QUANDO EXISTEM, SÃO TODAS BRANCAS. A HISTÓRIA OFICIAL SÓ RETRATA O POVO NEGRO NO PERÍODO DA ESGRAVIDÃO, SEMPRE FALAM DA PASSIVIDADE E NUNCA DA RESISTÊNCIA, E, SE LEMBRAM QUE RESISTIMOS, FUNDAM A CONVERSA FALANDO DE ZUMBI. SOU MULHER E SOU NEGRA, NÃO SOU UMA COISA OU OUTRA, SOU AS DUAS JUNTAS. NÃO É SÓ A ESCOLA QUE NÃO SABE LIDAR COM A MINHA CONDIÇÃO DE RAÇA E GÊNERO, MAS NELA ESPERAVA PELO MENOS QUE TENTASSEM.”

- Relato de estudante do Ensino Médio no estudo “Por que discutir gênero na escola”, Ação Educativa

PROFESSORES E A PLURALIDADE NA ESCOLA

O estudo **Formação de Educadores no Ensino Médio**, da plataforma **Faz Sentido**, aponta caminhos para preparar os professores para lidar com a pluralidade da sala de aula com sensibilidade e empatia.

SAIBA MAIS: FAZ SENTIDO FORMAÇÃO DE EDUCADORES NO ENSINO MÉDIO

“O PRECONCEITO DOS JOVENS PODE SER ENTENDIDO COMO UM REFLEXO DAS ATITUDES DOS ADULTOS. CONCLUI-SE QUE O COMBATE À DISCRIMINAÇÃO TAMBÉM DEVE CHEGAR AOS PROFESSORES E DEMAIS PROFISSIONAIS DIRETA E INDIRETAMENTE ENVOLVIDOS NO PROCESSO EDUCATIVO. A CONSCIENTIZAÇÃO SOBRE SEUS PRÓPRIOS PRECONCEITOS E A ABERTURA PARA APRENDER COM OS ALUNOS SÃO ÓTIMAS VIAS. DESSA FORMA, É POSSÍVEL NÃO APENAS ENSINAR AO ESTUDANTE A SER TOLERANTE COMO AINDA SERVIR DE MODELO PARA QUE ELE TOME CERTAS ATITUDES NO SEU DIA A DIA.”

- Eduarda Rozemberg, Plataforma Educacional Somos Par, Preconceito em sala de aula: como o professor pode ajudar a superar?

SAIBA MAIS: O PORTAL DO PROFESSOR, MEC



AS DESIGUALDADES DE GÊNERO TAMBÉM SE EXPRESSAM NA ESCOLA

“Feche as pernas”, “fale baixo”, “acho que você precisa emagrecer”. Essas frases são ditas para as meninas desde muito cedo, tanto em casa quanto na escola. Existe uma pressão social para que elas sigam um comportamento e um padrão construído como feminino.

Essas regras também se aplicam aos meninos, só que ao contrário. Se eles choram, usam rosa, se recusam a ser violentos ou não reproduzem comportamentos machistas a sua masculinidade é questionada. Enquanto a masculinidade se opõe ao dito feminino, os meninos escondem sentimentos, medos e dores. E isso prejudica o seu desenvolvimento integral como ser humano.

“QUANDO MENINAS BRINGAM DE BONECA ESTÃO APRENDENDO A CUIDAR DE OUTRO SER. NORMALMENTE MENINOS NÃO SÃO ESTIMULADOS A ISSO, O QUE VAI TER REFLEXOS EM TODOS OS SEUS RELACIONAMENTOS, INCLUSIVE NA MANEIRA DE ENXERGAR A PATERNIDADE.”

Fonte: Por que discutir gênero na escola?, Ação Educativa

PRÁTICA INSPIRADORA

“Os alunos do 8º e do 9º ano do ensino fundamental da Escola Municipal Manoel Martins dos Anjos, localizada em Estrela de Alagoas (AL), utilizaram técnicas do Teatro do Oprimido para trazer à tona uma situação comum à comunidade de Ipueiras, onde está localizada a escola. Na região, é comum que adolescentes vivam relacionamentos abusivos e, por conta deles, acabem deixando suas famílias ou os estudos”

Para construir a peça, os alunos buscaram levantar histórias reais e, para isso, contaram com o apoio da comunidade para definir as cenas. Ao longo do processo, a escola organizou várias rodas de conversa e debates abertos.

Fonte: 5 escolas combatem a violência contra as mulheres, Carta Educação



Você sabe o que é desqualificação?

Desqualificar ou realizar ou piadas ofensivas baseadas em estereótipos de gênero em sala de aula é uma das formas de violência contra a mulher.

Fonte: Como a desigualdade de gênero se manifesta na educação das meninas, Plan International

A solidão da maternidade

As estudantes que são mães têm um desafio ainda maior e muitas vezes não são acolhidas pela escola

“A ESCOLA NÃO DÁ APOIO ÀS MÃES ESTUDANTES, AO CONTRÁRIO, AJUDA A CULPABILIZÁ-LAS”

– Estudante do Ensino Médio

“A SOLIDÃO DA MATERNIDADE QUASE MATA MEUS SONHOS”

– Julia Miranda, formada no Ensino Médio



“AS MENINAS GOSTAM DA ESCOLA, SENTEM-SE BEM QUANDO ESTÃO NA ESCOLA. VEJO QUE ESTE DIREITO À EDUCAÇÃO ESTÁ BEM COMPREENDIDO, APESAR DE FAZER-SE NECESSÁRIO AVANÇAR NA GARANTIA DA PERMANÊNCIA COM A APRENDIZAGEM DE TODOS E TODAS”

– Lêda Gonçalves coautora do livro Ser Menina no Brasil Contemporâneo

Fonte: Marcações de Gênero em Contexto de Desigualdades

“UM EXEMPLO É A RECORRENTE CENSURA À VESTIMENTA DAS MENINAS, QUE REVELA A INSISTÊNCIA NO CONTROLE DE SUAS SEXUALIDADES. OUTRO FOI UM EPISÓDIO QUE OUVI DE UM CASAL QUE ESTAVA SE BEIJANDO NA ESCOLA. A DECISÃO DA DIREÇÃO FOI SUSPENDER A MENINA E NENHUMA REPRESÁLIA FOI FEITA AO MENINO”

– Viviane Santiago, Plan International Brasil

VIOLÊNCIAS CONTRA A MULHER NA ESCOLA

Revitimização e culpabilização

Muitas mulheres e meninas deixam de buscar ajuda por medo de serem desacreditadas, discriminadas e humilhadas (culpabilização). A escola precisa acolher a vítima e não culpabilizá-la ou fazê-la lembrar o trauma sofrido, por exemplo, fazendo diversas perguntas sobre o que aconteceu (revitimização).

Invisibilização, supersexualização e esteriótipos

A mídia de forma geral invisibiliza e distorce a participação das mulheres na sociedade, em especial das negras, indígenas, lésbicas, bissexuais, transexuais e gordas. É a chamada violência midiática, que reproduz crenças, valores e comportamentos heteronormativos e que reforçam desigualdades. Nas revistas e nos programas de TV o lugar social da mulher é limitado pela objetificação de seu corpo, pela supersexualização da sua imagem, pelo enquadramento em estereótipos que limitam as possibilidades de “ser mulher” e as reduzem como seres humanos.



Revenge porn (pornografia da vingança) é o ato de expor fotos e/ou vídeos de conteúdo sexual explícito ou com nudez sem consentimento das pessoas envolvidas.

Fonte: Por que discutir gênero na escola?, Ação Educativa

ASSÉDIO SEXUAL

“DESDE O COMEÇO DO ANO EU FICAVA CONSTRANGIDA COM OS OLHARES DAQUELE PROFESSOR. ATÉ QUE UM DIA, QUANDO EU ESTAVA NO CORREDOR ESPERANDO A AULA, ELE PASSOU POR MIM, OLHOU PRA MINHA BUNDA E FALOU, NA FRENTE DOS MENINOS: “ESSA CALÇA DEVERIA SER PROIBIDA AQUI NA ESCOLA, NÃO VÊ COMO TIRA A ATENÇÃO DOS ALUNOS E DOS PROFESSORES?” FIQUEI COM TANTA RAIVA QUE APENAS GRITEI: “E ESTÁ OLHANDO POR QUÊ, SEU SAFADO?”. ELE ME MANDOU PARA A DIRETORIA, EU LEVEI SUSPENSÃO E AINDA FUI ZOADA PELA TURMA. MAS ELES QUE ESTÃO ERRADOS. O CORPO É MEU, A ROUPA É MINHA E O QUE ELES FIZERAM É CRIME!”

- Estudante do Ensino Médio

TIPOS DE VIOLÊNCIA

Avanço nos direitos das mulheres

Em 2018 foi sancionada a Lei 13.718, que criminaliza os atos de importunação sexual (como beijo forçado, “encoxar”, passar a mão, cantadas invasivas, entre outros) e divulgação de cenas de estupro, nudez, sexo e pornografia. A pena é de um a cinco anos de prisão.

SAIBA MAIS: AGÊNCIA BRASIL

“COMO SE NÃO BASTASSE A HUMILHAÇÃO DE TER FOTOS MINHAS ÍNTIMAS DIVULGADAS NA INTERNET POR UM GAROTO DA ESCOLA, PERCEBI O QUANTO PROFESSORES/AS E A COORDENAÇÃO NÃO SABIAM O QUE FAZER NESSAS SITUAÇÕES. FUI PUNIDA COM SUSPENSÃO JUNTO COM O GAROTO, MESMO EU SENDO A VÍTIMA. DESCOBRI QUE O QUE ELE FEZ COMIGO CHAMA REVENGE PORN. NINGUÉM ME DISSE QUE ISSO É CRIME, ESTAVAM MUITO OCUPADOS ME CULPABILIZANDO POR EU TER CONFIADO NELE.”

- Estudante do Ensino Médio

Fonte: Por que discutir gênero na escola?, Ação Educativa

VOCÊ CONHECE OS TIPOS DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER RECONHECIDOS PELA LEI MARIA DA PENHA?

A violência contra as mulheres se manifesta de várias maneiras:

Violência psicológica

- ▶ humilhações
- ▶ ridicularizações
- ▶ ameaças
- ▶ vigilância constante
- ▶ perseguição
- ▶ chantagens
- ▶ controle da vida social

Violência sexual

- ▶ sexo forçado
- ▶ sexo forçado com outras pessoas
- ▶ sexo em troca de dinheiro ou bens
- ▶ obrigar a ver pornografia
- ▶ impedir o uso de método contraceptivo (camisinha, pílula, etc.)
- ▶ forçar uma gravidez
- ▶ forçar um aborto

Violência “virtual”

- ▶ divulgar/compartilhar fotos e vídeos íntimos pela internet e/ou redes sociais sem autorização da mulher com o propósito de humilhá-la ou chantageá-la.
- ▶ utilizar redes sociais e celulares para propagar comentários depreciativos em relação à mulher.

Violência física

- ▶ tapas
- ▶ socos
- ▶ chutes
- ▶ apertar o pescoço
- ▶ agressões com armas ou outros objetos
- ▶ queimaduras
- ▶ amarras
- ▶ tortura
- ▶ feminicídio (assassinato)

Violência moral

- ▶ xingamentos
 - ▶ injúrias
 - ▶ calúnias
 - ▶ difamações
- Ex. chamar de louca, “vadia”, prostituta, acusar de traição.

Violência patrimonial

- ▶ quebrar celulares e objetos pessoais
- ▶ rasgar fotos
- ▶ quebrar móveis
- ▶ rasgar roupas
- ▶ estragar objetos de trabalho

Fonte: Mulher, Vire a Página
Ministério Público de São Paulo

COMO AJUDAR UMA MULHER QUE SOFREU VIOLÊNCIA DE GÊNERO?



- Se você foi informado ou presenciou um caso de violência de gênero ofereça ajuda para a vítima.
- Escute o que ela tem a falar, sem julgamentos.
- Apresente a ela as soluções institucionais e legais que você conhece e que estão disponíveis.
- Diga que ela não está sozinha.
- Afirme que ela não é culpada de nada e que, juntos(as), vocês vão achar uma solução.

Busque ajuda e denuncie em delegacias da mulher ou delegacias comuns, Conselho Tutelar, serviços como Centro de Referência de Assistência Social (CREAS) e Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CRAS).

A escola precisa deixar claro onde e com quem alunas vítimas de violência de gênero podem buscar ajuda! E o mais importante, elas precisam sentir confiança nos educadores para conversar sobre esse assunto sem se sentirem expostas.

NUNCA REALIZE O TESTEMUNHO SEM O CONSENTIMENTO DA PESSOA QUE FOI VÍTIMA DA VIOLÊNCIA.

NUNCA FAÇA PERGUNTAS QUE CULPABILIZAM A MULHER.

VOCÊ CONHECE O LIGUE 180 CENTRAL DE ATENDIMENTO À MULHER?

É um serviço gratuito e 24h que recebe denúncias ou relatos de violência e reclamações sobre os serviços da rede nacional de enfrentamento à violência contra a mulher. Também orienta mulheres sobre seus direitos, encaminhando-as para os serviços quando necessário.

A LIGAÇÃO PODE SER ANÔNIMA!

PRÁTICA INSPIRADORA

“UMA DAS TURMAS DO CENTRO EDUCACIONAL O2 DE SOBRADINHO, NO DISTRITO FEDERAL, FOI A PRIMEIRA COLOCADA DO PROJETO CURTA MARIA, INICIATIVA PARA COMEMORAR OS 10 ANOS DA LEI MARIA DA PENHA.

OS ALUNOS PARTICIPANTES ELABORARAM CURTAS METRAGENS SOBRE FORMAS DE COMBATE À VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER. OS VÍDEOS APRESENTADOS FORAM JULGADOS POR 100 MULHERES QUE SOFRERAM EPISÓDIOS DE VIOLÊNCIA.

O TRABALHO VENCEDOR, INTITULADO ‘FOI SÓ UMA VEZ’, ABORDOU DADOS DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER, ALÉM DE CENAS GRAVADAS PELOS PRÓPRIOS ESTUDANTES PARA ILUSTRAR OS CASOS DAS ESTATÍSTICAS.”

Fonte: 5 escolas combatem a violência contra as mulheres, Carta Educação



IDENTIDADE DE GÊNERO E ORIENTAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA



60 % dos estudantes se sentem inseguros(as) na escola por causa de sua orientação sexual

48 % ouviram com frequência comentários LGBTfóbicos feitos por seus colegas

73 % foram agredidos(as) verbalmente por causa de sua orientação sexual

27 % dos (as) estudantes LGBT foram agredidos(as) fisicamente

Falta acolhimento por parte das instituições escolares

64% dos/das estudantes diz que não existia nenhuma disposição no regulamento da escola (ou desconheciam a existência) a este respeito

8,3% dos/das estudantes afirmaram que o regulamento da escola tinha alguma disposição sobre orientação sexual, identidade/expressão de gênero, ou ambas

Esses dados são da Pesquisa Nacional Sobre o Ambiente Educacional do Brasil de 2016, que mapeou as experiências de adolescentes e jovens LGBTQ+ no espaço escolar. Participaram da pesquisa 1.016 estudantes com idade entre 13 e 21 anos de todos os estados brasileiros e o Distrito Federal, com a exceção do estado do Tocantins.

QUAL BANHEIRO A SOPHIA PODE USAR?

No país onde mais se mata transexuais e travestis, existem vários relatos de pessoas trans que sofrem violência cotidiana.

O caso de Sophia não é diferente:

“Quando eu cursava o último ano do Ensino Médio era a única e primeira transexual da escola. Eles não sabiam como lidar com questões da transexualidade ou qualquer outra diversidade. Professores insistiam em me chamar pelo nome civil sempre com piadas transfóbicas. Fui proibida pela direção de usar o banheiro feminino, a única opção que tinha era de usar o banheiro das pessoas com deficiência e ainda era o masculino. Usaram como desculpa que minha presença iria incomodar as alunas, mas eu tinha um bom relacionamento com elas e muitas ficaram ao meu favor. Sempre soube que esse preconceito e conservadorismo lá partiam de pessoas que tinham graduação e é duro saber que pessoas “estudadas” têm esse pensamento. Foi um momento difícil na escola. Em vez de eu ter uma boa convivência e troca de experiência, me excluíram ainda mais, fazendo com que outros alunos, que ainda não têm alguma noção de diversidade, tratassem com preconceito qualquer pessoa que não fosse ‘igual’ a eles.”

Fonte: Por que discutir gênero na escola?, Ação Educativa

O NAMORADO DA SOPHIA É HETEROSSEXUAL?

- SIM
- NÃO
- TALVEZ
- Não é da minha conta, MAS...

O namorado da Sophia é heterossexual, afinal, não sente atração por pessoas de identidade masculina, mas sim feminina. Ele se apaixonou por uma mulher independente de ela ter sido considerada assim ou não quando nasceu.



Toda a comunidade escolar precisa entender e enfrentar as diversas formas de discriminação que podem acontecer na escola. Esse esforço coletivo é fundamental para apoiar estudantes que sofrem com o preconceito e garantir o respeito às diferenças.

“NÓS, ESTUDANTES, LGBT+, QUEREMOS DIREITOS COMO QUALQUER OUTRO CIDADÃO. É PRECISO FAZER ISSO LOGO, O MUNDO NÃO PERCEBE, MAS SOMOS TÃO HUMANOS QUANTO OS OUTROS, PORÉM ESTAMOS MORRENDO. O PRECONCEITO ESTÁ NOS MATANDO.”

– Estudante do Ensino Médio

Fonte: Por que discutir gênero na escola, Ação Educativa



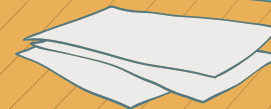
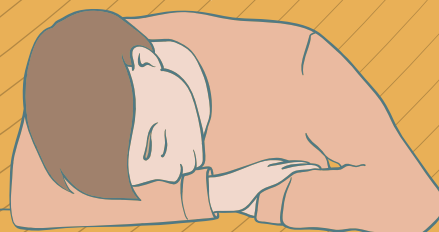
A RELAÇÃO ENTRE O ENSINO NOTURNO E AS DESIGUALDADES

Quando o acesso ao Ensino Médio foi ampliado, na década de 90, grande parte dos estudantes foi alocada no período noturno (CORTI, 2015). Dados mostram que 6 em cada 10 estudantes matriculados no Ensino Médio em 1996 frequentavam a escola à noite.

O Ensino Médio noturno tem um papel fundamental na garantia do direito à educação para estudantes que não podem frequentar as aulas no período diurno, seja porque trabalham ou por outros motivos.

Ao mesmo tempo, também não há dados e pesquisas que comprovem a capacidade da rede pública em atender a demanda pelo Ensino Médio exclusivamente no turno diurno.

A GRANDE QUESTÃO É: QUAIS SÃO AS CONSEQUÊNCIAS DE TER TANTOS ESTUDANTES NO HORÁRIO NOTURNO?



OS DESAFIOS DO ENSINO NOTURNO

A pesquisadora Daniela Maria Schmitz (2011) ressalta que, durante o período noturno, tanto professores quanto estudantes estão cansados demais, por terem trabalhado durante o dia. Uma série de indicadores educacionais mostra que os estudantes desse turno encontram limites para se familiarizar com os conhecimentos e competências apreendidas durante sua passagem pela escola.

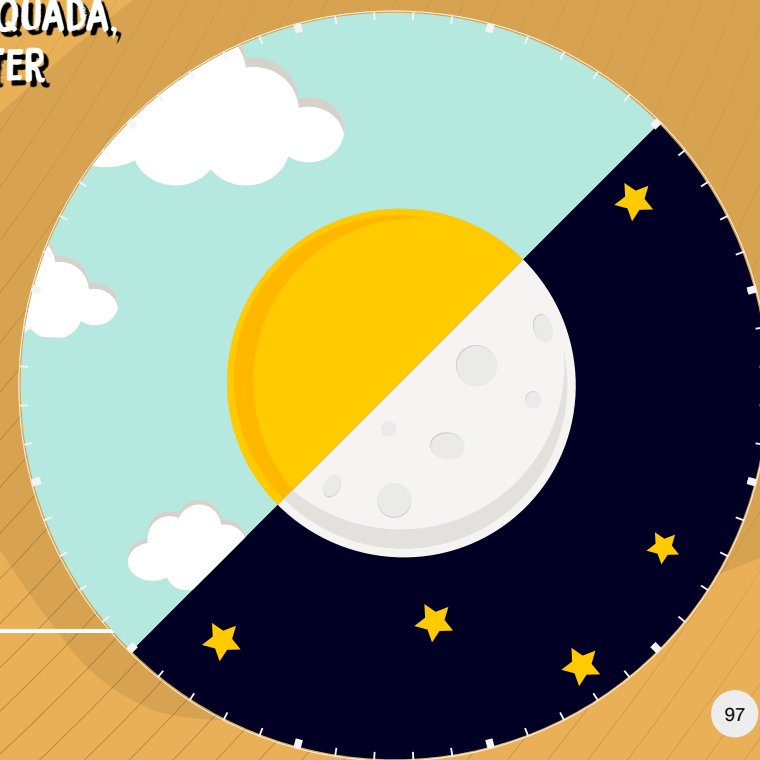


As pontuações obtidas pelos estudantes do curso diurno de Ensino Médio no Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) são em média 24,5 pontos maiores do que as de quem frequenta aulas à noite. Enquanto a taxa de distorção idade/série é de 33% na rede pública do ensino médio, olhando separadamente para cada turno, chega-se à taxa de 23% dos alunos diurnos e 53% dos noturnos.

“O PROBLEMA É URGENTE, JÁ QUE SE TRATA DE 2,4 MILHÕES DE JOVENS MATRICULADOS NO PERÍODO, OU SEJA, 33% DO TOTAL DE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO. COM BASE NO CENSO ESCOLAR, 67% DELES EXERCEM ALGUM TIPO DE TRABALHO E, SE NÃO TIVEREM FORMAÇÃO ADEQUADA, NÃO CONSEGUIRÃO MANTER O EMPREGO EM FACE DAS FREQUENTES DESCONTINUIDADES TECNOLÓGICAS”

- Mozart Neves Ramos,
Instituto Ayrton Senna

Fonte: O drama do ensino médio noturno, Instituto Ayrton Senna, 2015





REFERÊNCIAS

Capítulo 4 - Impacto das desigualdades na escola

Especialização em Gênero e Diversidade na Escola.

In: Comfor UNIFESP. Disponível em: <http://comfor.unifesp.br/wp-content/docs/COMFOR/biblioteca_virtual/GDE/GDE_Completo.pdf>

Acesso em 20/10/2018

Gênero e Diversidade na Escola: Formação de Professoras/es em Gênero, Sexualidade, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais - E-Clam. Disponível em: <http://www.e-clam.org/downloads/GDE_VOL1versaofinal082009.pdf>

Acesso em 20/10/2018

As violências de gênero invisíveis diárias.

In: Das lutas. Disponível em: <<https://daslutas.wordpress.com/2016/08/16/as-violencias-de-genero-invisiveis-diarias/>>

Acesso em 20/10/2018

21 perguntas e respostas sobre o bullying.

In: Revista Nova Escola. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/336/bullying-escola>>

Acesso em 20/10/2018

ROCHA, Camilo. O que diz a lei brasileira sobre racismo e injúria racial.

In: Nexo Jornal. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/11/27/O-que-diz-a-lei-brasileira-sobre-racismo-e-inj%C3%BAria-racial>>

Acesso em 20/10/2018

Por que discutir gênero na escola?.

In: Ação Educativa Disponível em: <http://acaoeducativa.org.br/wp-content/uploads/2016/09/publicacao_porquediscutirgeneronaescola.pdf>

Acesso em 20/10/2018

Faz Sentido. Formação de Educadores.

In: Plataforma Faz Sentido Disponível em: <<http://fazsentido.org.br/wp-content/uploads/2017/08/INSPI-A-FZS2-ESTUDO-FORMACAOEDUCADORES-EM-1.pdf>>

Acesso em 20/10/2018

Como a desigualdade de gênero se manifesta na educação das meninas.

In: Plan International

Disponível em: <<https://educacaointegral.org.br/reportagens/como-a-desigualdade-de-genero-se-manifesta-na-educacao-das-meninas/>>

Acesso em 20/10/2018

Pesquisa nacional sobre o ambiente educacional no brasil 2016.

In ABGLT.

Disponível em: <http://static.congressoemfoco.uol.com.br/2016/08/IAE-Brasil-Web-3-1.pdf>

Acesso em 20/10/2018

RAMOS, Mozart Neves. O drama do ensino médio noturno. In: Instituto Ayrton Senna, 2015

Disponível em: <http://www.institutoayrtonsenna.org.br/pt-br/radar/O_drama_do_ensino_meacutedio_noturno.html>

Acesso em 20/10/2018



MUITO OBRIGADO!

Uma parceria:

